

# a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

ANO VII — N.º 215

Director: ALEXANDRE VAZ

31 DE MARÇO DE 1994

QUINZENÁRIO

SAI NAS SEGUNDAS E ÚLTIMAS QUINTAS-FEIRAS DO MÊS



PREÇO: 50\$00

TAXA PAGA  
4700 BRAGA  
PORTUGAL

ATÉ AO MÊS DE JUNHO

## Secretário de Estado anuncia em Bouro início do restauro do Convento



Alexandre Relvas, Secretário de Estado do Turismo, disse no passado dia 25 de Março em Bouro que as obras do restauro do Convento se iniciarão o mais tardar até ao próximo mês de Junho, sendo o prazo de execução da obra de 18 meses, pelo que se espera que estejam concluídas no primeiro semestre de 1996.

Destinadas à implantação de um empreendimento turístico de cinco estrelas, as obras estão a cargo da ENATUR e resultam de um acordo celebrado entre as Secretarias de Estado do Turismo e da Cultura.

Para o Secretário de Estado estas obras não resultam de objectivos meramente comerciais, mas inserem-se numa política de preservação do património arquitectónico e de desenvolvimento regional.

Actualmente decorrem no imóvel investigações arqueológicas, a cargo da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, destinadas a tentar

desvendar interregnos verificados na história do Convento deste a sua aparição e até à construção final, situada nos séculos XVII e XVIII, assim como descobrir qual a influência do Mosteiro Cisterciense no desenvolvimento da região em que está implantado.

Quanto ao empreendimento a instalar no edifício, uma pousada de cinco estrelas com trinta quartos e duas suítes, Alexandre Relvas salientou o esforço financeiro que tal acarreta, cerca de 1 milhão e 700 mil contos, participado por fundos comunitários.

O Arquitecto Humberto Vieira, ligado à elaboração do projecto, apresentou em grandes linhas o mesmo projecto salientando que no primeiro piso ficarão situados os quartos, enquanto que ao nível do chão se situarão os serviços sociais, sendo de destacar salas de exposições temporárias e um auditório com capacidade para 80 pessoas. Os serviços de apoio à pousada ficarão situados numa construção de raiz situada ao lado da cozinha grande.

Nesta apresentação estiveram presentes várias

personalidades ligadas à ENATUR — Pousadas de Portugal, ao Instituto Português do Património Arqueológico, à Câmara Municipal de Amares, o Governador Civil de Braga, membros da Junta e Assembleia de Freguesia de Bouro (Santa Maria) e um bom número de populares que quis ouvir da boca de um membro do Governo o que há bastante tempo vem sendo prometido e continuamente protelado.

Após a apresentação do projecto de restauro do Convento os presentes tiveram oportunidade de visitar a sacristia da Igreja Paroquial de Bouro, anexa ao Convento, para a qual está prevista também uma intervenção na área da preservação do seu tecto dourado em caixotões, que no momento se encontra em risco de deterioração.

Na Igreja, os visitantes puderam inteirar-se das obras de conservação e recuperação recentemente realizadas. De referir que, pese embora a reabertura ao culto tenha sido realizada já no passa-

(Continua na pág. 4)

APROVADO ORÇAMENTO DE 785 MIL CONTOS

## Câmara Municipal de Amares voltada para as infraestruturas

A Câmara Municipal de Amares aprovou no passado dia 28 de Março o orçamento da autarquia para o corrente ano, num montante de 785 mil contos.

Três votos do PSD e quatro abstenções do CDS e PS levaram à aprovação do Plano de Actividades em que se destaca a construção de infraestruturas, nomeadamente de um ginnodesportivo na Escola Preparatória de Amares, a «C+S» de Bouro Santa Maria, Casa de Cultura e Biblioteca Municipal, recuperação do antigo edifício da Câmara, arranjo urbanístico do lago do Mosteiro de Rendufe e da Feira Nova.

Está também prevista no plano de actividades a remodelação/recuperação da ETAR de Bouro (Santa Maria), construção da ETAR da Vila de Amares, bem como a ampliação de cemitérios, construção no novo quartel dos Bombeiros Voluntários de Amares, parque de campismo, azenhas da praia fluvial da Ombra, piscina e court de ténis.

Outras prioridades apontadas foram: Mercado municipal, instalação da Feira Franca, terceira fase da

Rua de Cintura, terceira fase da rede de saneamento de Caldelas, caminhos municipais em Caldelas, Torre, Carrazedo, Barreiros, Paranhos e Figueiredo.

### Sedes de Junta e PDM

Na mesma reunião o executivo camarário de Amares deliberou dar a seguinte prioridade à construção de sedes de Junta de Freguesia, na proporção do número de habitantes: Dornelas, Besteiros, Bico, Torre, Vilela, Sequeiros, Seramil, Paranhos, Portela e Paredes Secas.

Quanto ao Plano Director Municipal, tinha já sido deliberado proceder ao inquérito público, na sequência do parecer enviado pela Comissão de Coordenação da Região Norte.

O referido inquérito terá lugar desde o dia 14 de Abril e até 14 de Junho podendo o público apreciar a exposição do mesmo Plano no Salão nobre do Edifício dos Paços do Concelho, transmitindo as observações que entender formular sobre as disposições do PDM.

## SUMÁRIO

A minha coluna

PÁGINA 2

Pelo Santuário

PÁGINA 3

Jovens de Amares  
celebram Dia Mundial  
da Juventude

PÁGINA 6

Desporto

PÁGINA 7

Crónicas Selvagens

PÁGINA 8

## a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CAVADO

Quinzenário regionalista e independente

DIRECTOR

Prof. Alexandre Vaz

DIRECTOR-ADJUNTO

José Filipe

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Santuário de Nossa Senhora da Abadia

Santa Maria de Bouro

4720 AMARES

Telefone (053) 371197

PROPRIETÁRIO

Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL N.º 12453/86

COMPOSTO E IMPRESSO

EDITORA CORREIO DO MINHO/SM

Palácio de Exposições e Desportos

Telefone 74087

4703 BRAGA CODEX

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00

NÚMERO AVULSO: 50\$00

TIRAGEM MÉDIA MENSAL

3.500 EXEMPLARES

DIVULGUE E ASSINE

## a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.

Faça dos seus Amigos assinantes de «A Voz da Abadia» — enviando-nos, devidamente preenchido, este cupão.

NOME \_\_\_\_\_

MORADA \_\_\_\_\_

Assinatura Anual (1.200\$00) .....

Assinatura Bi-anual (2.400\$00) .....

Assinatura de Benfeitor ( ) .....

Renovação da Assinatura (Anos: ) .....

*Nas páginas  
deste Jornal  
o seu nome  
nunca fica mal...*

**Por isso anuncie  
n'A VOZ DA ABADIA**

## A minha coluna

O País é o futebol e pouco mais, desengane-mo-nos.

Se os órgãos de Comunicação Social, em peso, anunciasssem o amplexo do Dr. Mário Soares, com o Prof. Cavaco Silva e o Prof. Barbosa de Melo, no centro do relvado do Estádio das Antas, na mancha branca, onde poisa a bola, para o começo das partidas e o amplexo dos três amigos da Pátria fosse uma realidade, a verdade, é que não apareceriam lá mais do que meia dúzia de gatos pingados. Quando o Porto jogar com o Milão, os meus leitores já adivinharam: um milhão atulhará o sumptuoso santuário das Antas. Bola é bola, e o resto são cantigas. Se por uma ala da Avenida da Liberdade, em Lisboa, descerem o ministro Catroga, o ministro Fernando Nogueira e o ministro Marques Mendes, em conversa franca e amena dum fim de trabalho cansativo nos ministérios, talvez aquela multidão que se acotovela nas pressas da vida, não desse um passo apenas para se abeirar deles e olhar-lhe bem os olhos a ver se eles são azuis, laranjas ou cor-de-rosa. Se, ao mesmo tempo, na outra ala subirem três estrelas do futebol, uns grupos, de certeza, se soltariam da multidão, ávidos, a interrompê-los no passeio agradável, para lhes solicitar uns tantos autógrafos. E, do mesmo modo com os ministros se passaria com a senhora Agustina Bessa Luís, o senhor Vergílio Ferreira, o senhor Lobo Antunes e o Presidente da Academia de Letras. Já viram, por acaso, alguma colecção de cromos, com os políticos mais famosos da nossa praça? Não. Pois bem. Em todos os sítios deste belo Portugal, as crianças e os adolescentes colecionam cromos e cromos de jogadores de futebol. Não há que filosofar. Bola é bola e o «pão e jogos» está de retomo.

Segundo a imprensa, os suicídios em Portugal estão a atingir números alarmantes, chocantes mesmo. Não admira. Numa civilização toda ela cada vez mais materialista e hedonista e, por outro lado, mais injusta (o desemprego, as fundas desigualdades sociais, o stress, a insegurança, a defamiliarização, etc.), milhares de homens e mulheres, jovens e idosos, desembocam no suicídio. E quando para mais o Portugal europeu não possui estruturas de saúde mental e assistentes sociais, altamente vocacionados, no terreno, para detectar, a tempo, e fazer a despistagem destes casos arrepiantes. Sociedade com suicidas? Sociedade com Sida? Sociedade com «overdoses»? Sociedade com prostituição? Quem, como e quando faz a isto, a esta situação endémica, paranóica, atrabiliária?

Socorro-me do depoimento do trabalhador José Augusto Gonçalves, de Melgaço, por conta doutrem, pai de nove filhos. Chama-se a isto pôr o dedo na ferida quanto à megalomania do senhor ministro da Saúde (por enquanto, até ver onde param as modas) de que os ricos é que devem pagar a saúde. Mas quais ricos? Os médicos, os engenheiros, os arquitectos, os advogados, que ganham milhares de contos por ano e declaram ao fisco umas míseras centenas ou até dezenas? Os empresários ou sócios, com evidentes sinais exteriores e interiores de riqueza que, por uma engenharia contabilística, apresentam no final do ano uns ridículos contos de lucro? O senhor ministro, acaso, está com os pés no chão a viver em Portugal ou na Parvolândia?

O disco-vídeo de canto gregoriano, da Valentim de Carvalho, quase sem publicidade, quer em Portugal, quer em Espanha, é uma vitória do Bem e do Belo. Os números de venda confirmam que são os jovens da faixa etária dos 16/25 anos quem mais adquire o disco. No meio de todo este pandemónio, isto é muito significativo, vem revelar que o homem anda sequioso de tranquilidade, de serenidade, de paz, sente uma necessidade vital de respirar pelo coração e pelo espírito, e que o canto gregoriano — uma coisa do passado monástico — se coloca hoje em contraponto ao barulho infernal que nos transmite os grupos de música roqueira.

450 católicos madeirenses, entre eles cinco sacerdotes, enviaram ao seu Bispo um manifesto «Por uma Igreja separada do Poder», considerando que a religião católica na Madeira se está a tornar um «poder de Estado, uma religião do Regime, legitimadora do poder político», com «uma dependência cada vez maior da igreja católica em relação ao Governo, uma vez que financeiramente se multiplica uma teia que amordaça a igreja». Não sei quem tem razão. Se é o senhor João se é a senhora Joana. Mas onde há fumo há fogo. Que o senhor Bispo e o senhor Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, D. João Alves, investigue se é «mais uma manobra comunio-socialista», ou se é um direito de independência que se reclama para a Igreja em relação ao poder político. Porque dessas e de outras habilidades dos políticos, dentro da Igreja, já estamos fartos.

África do Sul. Portugueses. Um escândalo. Uma vergonha. Como sempre. Em toda a África, para os africanos. Que nos venham depois, outra vez, coa cantiga de África/Amiga.

Alexandre Vaz



**FÁBRICA  
DE FATOS  
CASACOS  
CALÇAS**

*de alta categoria!*

À venda nos bons estabelecimentos

PONTE DOS FALCÕES  
MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210  
TELEX 32288 FÁCHO

# PELO SANTUÁRIO



## AS GRANDES FIGURAS QUE PASSARAM PELO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ABADIA

O Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, grande amigo do Santuário de Nossa Senhora da Abadia, faz no dia 10 de Abril, 18 anos que faleceu.

A figura do senhor Cónego Arlindo, já mais se pode esquecer a sua passagem, de mais de 15 anos, como Juiz Presidente e Delegado de Sua Excelência Reverendíssima o senhor Arcebispo Primaz, do Santuário Mariano de Nossa Senhora da Abadia, o mais antigo de Portugal e quiçá das Espanhas.

Apesar dos seus múltiplos afazeres, pois além de escritor, professor e vice-presidente da Junta Distrital de Braga, tinha uma Capelania, mas sempre vinha celebrar a Santa Missa, aos domingos, no Santuário de Nossa Senhora da Abadia, sem receber qualquer importância, pois na altura não havia capelão.

Nunca faltava às reuniões da Mesa e sempre agia com o máximo interesse pela recuperação do Santuário multiseular.

O Cónego Arlindo, como toda a gente o conhecia, era simples, modesto e afável, foi um dos grandes e últimos valores do património intelectual bracarense e seria injusto deixarmos a sua recordação no esquecimento, seria como se se atirasse novas pás de terra sobre o seu túmulo, para o tornar mais fundo.

Nascido em S. Torcato, Guimarães, em 24 de Fevereiro de 1906, foi ordenado sacerdote em 29 de Junho de 1929, ascendendo à dignidade de Cónego em 12 de Março de 1954 e faleceu na tarde do dia 10 de Abril de 1976.

Braga perdeu um dos seus mais dedicados estudiosos que possuía uma das maiores bibliotecas particulares.

Professor de Seminários e Colégios particulares, em Évora e Braga, autor de diversos didácticos para o ensino secundário, dirigente escutista, fundador e orientador do Museu de História Regional do Palácio dos Biscaínhos, vice-presidente da Junta Distrital de Braga, bibliófilo, sempre em busca de exemplares únicos e de espécies raras e antigas.

Foi um homem devotado, por inteiro, à cultura, ao seu conhecimento e à sua difusão.

Tinha uma profunda ância de saber, de desvendar, de interpretação — e sabia realmente muito — para depois poder comunicar e explicar com atraente clareza, nas aulas, nos livros, nos congressos, nas escavações que impulsionava.

Da sua vasta obra literária, que foram mais de 25 livros, da sua autoria e traduções destacamos: «Senhora da Abadia», feita em 1951 e já vai na segunda edição.

Além das importantes obras que escreveu e traduziu, era Cónego bracarense; da Sociedade Martins Sarmento; da Sociedade de Língua Portuguesa; da Sociedade Histórica da Independência de Portugal; da Associação dos Arqueológicos Portugueses; da Academia Portuguesa de Ex-Libris; da Sociedade Brasileira de Folclore; do Instituto de História Medieval de Espanha (Universidade de Barcelona); vice-presidente da Junta Distrital de Braga e professor no Seminário Arquidiocesano de Braga.

Liberal por temperamento e por convicção, nunca serviu a política, nunca a cortejou, aberta ou veladamente, mantendo sempre uma atitude de dignidade e de independência.

Não me consta que o município de Braga tenha dado o seu nome, a alguma rua da cidade, como aliás, era de inteira justiça, já que foi figura de grande destaque, no mundo da cultura.

No Santuário de Nossa Senhora da Abadia, foi Delegado de Sua Excelência Reverendíssima o senhor Arcebispo Primaz, até aos últimos dias da sua vida e sempre lutou, por todos os meios, na defesa daquele grande Património Multiseular.

Não se cansava, nem discutia sacrifícios, sempre presente às reuniões da Mesa, mesmo nos dias de grandes intemperies, o senhor Cónego Arlindo aparecia em minha residência, para que o acompanhasse, mesmo debaixo de grandes temporais (como algumas vezes aconteceu no rigor do inverno) ele não faltava, nunca, só o fazendo por motivo de saúde.

A salvação dos bens que Nossa Senhora da Abadia possui na cidade do Rio de Janeiro — Brasil — se deve, em parte, às diligências do sr. Cónego Arlindo, pois foi a seu pedido que alguém lutou até conseguir salvar aquele grande património.

É portanto, absolutamente justo que a actual Mesa da Confraria, faça algo, que fique a perpetuar a memória daquele que trabalhou e tudo fez para salvar o património do Santuário Mariano mais antigo de Portugal e quiçá da Península Ibérica.

Sequeiros, 15 de Março de 1994.

Luís de Sousa

## VISITA

No dia 12 de Março, 34 alunos duma Escola Preparatória de Liège, Bélgica, visitaram a Abadia.

Eram de culturas, raças e nacionalidades diferentes; europeus e muçulmanos; brancos e de côr; belgas, zairenses, italianos, portugueses, da antiga Jugoslávia e de várias nações árabes.

Apenas saltaram da camioneta, ficaram admirados com as montanhas íngremes que circundam a Abadia e cheias de vegetação.

A maior parte trazia máquinas fotográficas. Tiraram fotografias da paisagem com o Santuário para lhes servirem de capas a outras que daqui queriam levar.

Ao verem o ribeiro de cachoeiras e espuma brancas com a luz do sol, as águas límpidas a correr por entre as pedras e as margens muito verdes de ervas, feteiras e arbustos, ficaram radiantes e fotografaram-no. Fotografaram-se em grupinhos de amigos em cima das pedras no meio do ribeiro com a água a correr.

No Museu continuou o mesmo entusiasmo de tirar fotografias onde fizeram para a vida deles uma reportagem completa deste passeio à Abadia.

No Santuário, com muito respeito, andaram a ver os altares e as imagens, em silêncio, pouco falavam e baixo, calmamente e nada de correrias tão vulgares na sua idade. Na mesma continuaram a observar tudo e a tirar fotografias.

Davam uma lição da educação e do respeito que deve haver num templo à maior parte das pessoas e grupos que vêm ao Santuário.

A maior parte não eram baptizados. Muitos são muçulmanos, os portugueses do Alentejo e do Sul, apesar disso comportaram-se muito bem.

Uma jovem de côr, dos seus catorze anos, tomou notas como uma profissional de jornalismo (essa não utilizou a máquina fotográfica).

Acompanharam-nos os seus professores, Maria dos Prazeres Barbosa Pinto, de Galegos S. Martinho, Barcelos e um colega belga.

Vieram fazer um «Curso» a Esposende por serem alguns dos alunos das turmas e a professora portuguesas.

## HORÁRIO DAS MISSAS

Nos domingos e dias santos de guarda, de Abril ao fim de Setembro, durante a hora de Verão:

- 1.ª Missa — Às 09,30 horas
- 2.ª Missa — Às 11,30 »
- 3.ª Missa — Às 17,00 »

Nestes meses a Missa Vespertina aos sábados é às 18,30 horas.

## PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Tiveram a amabilidade de pagar as suas assinaturas os seguintes assinantes:

Maria de Lurdes Soares Marques .....	1.200\$00
António José Marques, Souto — Terras de Bouro .....	1.300\$00
António Maria Soares, Carvalheira — Terras de Bouro .....	1.200\$00
Pereira Paredes Manuel, Monte-Fermeil — França .....	2.500\$00

## OFERTA

António Maria Soares, Carvalheira, Terras de Bouro, ofereceu para o Santuário, 300\$00.

## VISITE

A EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA  
DE S. BERNARDO  
NO MUSEU  
NOSSA SENHORA DA ABADIA

**Pensão**  
**UNIVERSAL**  
ABERTÁ TODO O ANO  
**Restaurante**  
EM  
TERMAS  
DE CALDELAS  
Telefones 36236 / 36286  
4720 AMARES

«A Voz da Abadia», 31-3-94

## «GRANITOAMARES, LDA.»

Conservatória do Registo Comercial de Amares  
N.º de matrícula 00223  
N.º de Identificação de Pessoa Colectiva —  
N.º de Inscrição 01  
N.º e data da apresentação 07/16 Março 94

MARIA FERNANDA OLIVEIRA COSTA PIRES DA SILVA, Ajudante em exercício, CERTIFICA, que entre Alberto Dias da Silva c. c. Teresa de Jesus Miranda da Silva, na comunhão de adquiridos, Domingos Dias da Silva c. c. Maria Fernanda Duarte Macedo, na comunhão de adquiridos, foi constituída a sociedade em epígrafe, que se rege pelo seguinte contrato:

**Primeiro** — A sociedade adopta a firma «GRANITOAMARES, LDA.», e vai ter a sua sede no lugar Novo, da freguesia de Ferreiros, do concelho de Amares, com início nesta data.

**Parágrafo único** — Por simples deliberação da gerência a sociedade poderá mudar a sua sede para qualquer outro local dentro do mesmo concelho ou concelhos limítrofes.

**Segundo** — O seu objecto consiste na extracção e comércio de granito e rochas afins.

**Terceiro** — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, e já entrado na caixa social é de UM MILHÃO DE ESCUDOS, e corresponde à soma de duas quotas iguais de quinhentos mil escudos, cada, pertencentes uma a cada um dos sócios.

**Quarto** — A gerência e administração da sociedade, e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente compete a ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, com dispensa de caução e remunerados ou não conforme for deliberado em assembleia geral.

**Parágrafo primeiro** — Para obrigar a sociedade em todos os actos e contratos que envolvam responsabilidade para ela são necessárias as assinaturas de dois gerentes; Para os actos de mero expediente basta a assinatura de qualquer um dos gerentes.

**Parágrafo segundo** — Ficam incluídos nos poderes de gerência a compra, venda e permuta de veículos automóveis, assinar contratos de leasing ou locação financeira, e ainda tomar de arrendamento quaisquer estabelecimentos, digo, quaisquer locais.

**Parágrafo terceiro** — É expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor ou outros actos semelhantes.

**Quinto** — A divisão e cessão de quotas, no todo ou em parte, é livre entre os sócios, seus cônjuges e descendentes; para estranhos depende do consentimento dos restantes sócios aos quais é reservado o direito de preferência.

**Sexto** — Por morte ou interdição de qualquer sócio a sociedade continuará com os herdeiros do sócio falecido ou o representante legal do interdito ou inabilitado, devendo aqueles nomear de entre si um que a todos represente na sociedade, enquanto a quota se mantiver indivisa.

**Sétimo** — A sociedade poderá amortizar a quota ou parte da quota de qualquer sócio nos casos seguintes: a) — Falência, ou insolvência do respectivo titular; b) — Se a quota for arretada, arrolada ou sujeita a qualquer outro procedimento cautelar ou administrativo; c) — Se por divórcio ou separação judicial de pessoas e bens ou só de bens no caso de partilha, a quota não ficar a pertencer por inteiro ao sócio; d) — Se por falecimento do sócio, na partilha a quota não ficar a pertencer por inteiro aos seus herdeiros; e) — Por acordo com o titular.

**Parágrafo único** — Com excepção do caso previsto na alínea e), em que o preço será o acordado, nos restantes casos o valor da amortização será o constante do último balanço aprovado, acrescido dos lucros se os houver, e depois de deduzido qualquer débito que o sócio tenha na sociedade; Salvos nos casos em que a Lei estabeleça outros prazos ou formalidades, o respectivo preço será pago nas prestações e condições a fixar em assembleia geral, não podendo contudo o prazo de pagamento exceder quatro anos.

Está conforme o original.  
Contém 3 folhas.

Conservatória do Registo Comercial de Amares, aos 22 de Março de 1994

A AJUDANTE EM EXERCÍCIO,  
M.ª Fernanda O. C. P. da Silva

## Secretário de Estado anuncia em Bouro início do restauro do Convento

(Continuação da pág. 1)

do mês de Dezembro com as obras inacabadas, três meses volvidos e o trabalho continua parado. Os visitantes observaram a imponência do estilo e, sobretudo, o estado lastimável de algumas telas e da talha, bem como trabalhos incompletos resultantes das obras recentes, nomeadamente no tocante aos gradeamentos interiores.

Ficou no final a expectativa de que Bouro e o seu Convento deixarão de estar no marasmo e esquecimento da história, entre sonhos e ruínas, para se afirmar como centro cultural similar ao de outros tempos, em que o progresso turístico e económico virá acompanhado da valorização do património histórico, artístico e cultural, sem esquecer o religioso.

Bom seria que sempre restassem salvaguardados os valores históricos e religiosos inerentes a estes monumentos e outrora usurpados ilegítimamente aos seus possuidores. Confie-se na boa vontade dos homens e na ajuda da Providência e os nossos vindouros saberão agradecer-nos o contributo prestado à História e ao Homem.

Aguardemos!

### Na Abadia

Antes ainda de partir para Ponte de Lima, onde participaria num congresso ligado ao turismo rural, o Secretário de Estado quis passar pelo Santuário de Nossa Senhora da Abadia, onde se inteirou da história do templo, das obras realizadas por iniciativa da Confraria, tendo aproveitado para visitar o Museu e louvar a iniciativa que ele constitui.

## Solar das Bouças

Sociedade Vitivinícola, S.A.

### CONVOCATÓRIA

#### ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos da lei e dos Estatutos, convido a Assembleia Geral dos accionistas da Sociedade SOLAR DAS BOUÇAS — SOCIEDADE VITIVINÍCOLA, S.A., para reunir na sede social, no dia 30 de Março de 1994 pelas catorze horas, e em segunda convocatória no dia 19 de Abril de 1994 pela mesma hora com a seguinte

#### ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Deliberar sobre o relatório de Gestão e sobre as Contas do Exercício de 1993;
- 2 — Deliberar sobre a proposta de aplicação dos resultados do exercício.
- 3 — Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade;
- 4 — Proceder à confirmação dos membros dos órgãos sociais nomeados em substituição dos que tenham pedido a demissão e fixar as respectivas remunerações.

As condições de participação e exercício do direito de voto são as constantes dos artigos 15.º, 16.º, 17.º e 18.º dos estatutos.  
Amares, 20 de Fevereiro de 1994

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL  
(Assinatura ilegível)

## CARDOSO DA SAUDADE



- FATOS
- CALÇAS
- CASACOS
- BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE  
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

## CARDOSO DA SAUDADE

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

## BOURO (SANTA MARIA)

## CONFISSÕES QUARESMAIS E LAUSPERENE DIOCESANO

A Comunidade paroquial de Bouro (Santa Maria) teve oportunidade de celebrar o Sacramento do Perdão no passado dia 17 de Março, como preparação para a celebração das festas pascais e também para a realização do Lausperene Diocesano, o qual teve lugar nos dias 18 e 19 do mesmo mês.

Com a presença de vários sacerdotes para atender de Confissão as pessoas que o desejassem, o acto penitencial decorreu na manhã de quinta-feira, tendo ao fim da tarde estado disponível um sacerdote para atender as pessoas que, em virtude de cumprimento de horários de trabalho ou de participação nas aulas, não puderam reconciliar-se da parte da manhã.

Pena é que muitos cristãos procurem apenas nesta ocasião do ano este Sacramento destinado à reconciliação com Deus, em cumprimento

farisaico de um preceito da Igreja, esquecendo que o verdadeiro cristão é aquele que procura sempre estar em paz com Deus e com os Irmãos (o próximo) durante todos e cada um dos dias do ano, ou mesmo que para ser verdadeiramente seguidor de Jesus Cristo não pode manter em si qualquer rancor ou ódio contra o mesmo próximo.

O Lausperene Diocesano, iniciado com a celebração da Eucaristia, às 19 horas do dia 18 e encerrado com Adoração solene pelas 22 horas do mesmo dia, tendo no dia 19 decorrido entre as 8 e as 19 horas, demonstrou que valores cristãos que nos foram legados pelos nossos antepassados vão passando e que nos dias actuais outros valores se lhes sobrepõem.

De facto, a pouca participação nesta devoção eucarística do culto do Sagrado Mistério, vem sendo de ano para ano

mais reduzida, levando-nos a pensar na perda crescente do sentido do religioso e da materialização da vida das comunidades que se afirmam ainda maioritariamente cristãs.

É certo que gestos como a oferta de todas as flores para o asseio da tribuna e dos altares (feita por uma emigrante com outras familiares), a dedicação de quantos prepararam com esmero este acontecimento, as horas devotadas à preparação do mesmo (e não foram poucas), são sinal do espírito cristão que Deus certamente recompensará. Mas, será isto suficiente aos olhos de Deus?

Um acontecimento como este deve merecer mais atenção por parte da comunidade cristã, quer na sua preparação (material e espiritual), celebração e transferência para a vida do dia a dia. Do contacto mais íntimo com Jesus Eucaristia deve beneficiar o

ambiente da comunidade cristã e humana.

## Comunhão Pascal

Foi diferente este ano a já tradicional Comunhão Pascal das crianças das escolas da freguesia de Bouro (Santa Maria), uma vez que se congregaram à volta da mesa da Eucaristia as

Escolas Primárias e o Ensino Básico Mediado.

Presidida pelo pároco de Bouro (Santa Maria), Padre Carlos, a celebração preparada em conjunto pelos professores das várias escolas, foi animada com os cânticos superiormente ensaiados pelo Padre Janela, pároco de Santa Marta e professor em

Santa Maria de Bouro.

Foi um momento lindo em que as crianças anteciparam a celebração da Páscoa recordando a importância e aprofundando o conhecimento sobre o Mistério Pascal de Jesus Cristo.

Uma tradição a manter pelo seu significado e pela importância na vida de todas as crianças.— (G.R.)

Salve 2-4-94  
LUÍS ADOLFO  
DE SOUSA

*Festeja mais um aniversário o nosso Irmão-Benfeitor e Vice-Presidente da Confraria, Sr. Luís Adolfo de Sousa, que teve a honra de receber a Comenda de Mérito.*

*Os nossos parabéns.*



MOSTEIRO DE BOURO — MOSTEIRO DAS MONTANHAS

Granada residente então em Lisboa, que persuadisse a certos repugnantes quisessem recebê-lo; por onde se não deve duvidar de que usasse de outra tal diligência El-Rei D. João seu ascendente. E, quanto a El-Rei D. Pedro, pai do Infante, se fez verosímil com inteira suavidade como houve a esta Dona Tereza, vivendo ela com seus irmãos na Província do Minho, com seus irmãos e parentes, e tendo El-Rei a sua Corte em Lisboa ou Santarém; porquanto se deve saber que El-Rei D. Pedro, morta a Infanta Dona Constança, sua primeira mulher, pôs em Coimbra, no Palácio de sua avó a Rainha Santa, a Senhora dona Inez Pires de Castro, que no mesmo Palácio lhe deu os filhos que teve dela; e quanto ao depois mataram a esta mesma Dona Inês, El-Rei, ainda então Infante, retirou-se do pai para Entre Douro e Minho e andou por Braga e Guimarães e de lá fez guerra ao pai, e depois de feitas as pazes ainda se deixou estar naquela Província, até que morto o pai, ele sucedeu na Coroa, e neste meio tempo, em que andou na Província do Minho houve a Dona Tereza, e ela concebeu a este Infante, que nasceu em breve, depois de o pai ser Rei.

Ultimamente ao que diz o Bispo na carta dos excessos del Rei D. Pedro contra o pai de Dona Tereza, como o Bispo desejava fazer odioso o nome do mesmo Rei afim de desviar a família dos Almeidas de seguirem ao Infante D. João seu filho; afectaria pintar o caso feio e se ao pé da letra da sorte que ele escreve indignariam a El-Rei, com alguma demasia os parentes de Dona Tereza, tendo-se por afrontados de ele lhe violar; ainda hoje em que a severidade Portuguesa antiga se acomoda mais aos usos modernos, nenhum homem de bem gosta de ver em sua casa facilidades semelhantes, posto que o agressor as cubra com capa de Rei; e se chegaram a indignar a El-Rei D. Pedro, bem consta das Histórias quanto era pesada a sua mão, se chegava a vibrar o açoite que trazia sempre pendente da cinta, o que tudo suposto, e enquanto não aparecia outra opinião mais apurada, tendo que a Dona Tereza foi mulher ilustre, parenta do Mestre da Ordem de Cristo D. Nuno Freire, filha e irmã dos Almeidas referidos na Província do Minho, senhores de Roriz e Alvarelos, como escreve o Bispo de Tui nas cartas».

A não serem verdadeiras as cartas e as notícias que nelas se contém e se apresenta como a chave mágica do curioso enigma, vem a jeito perguntar, interrompendo por pouco a narração do historiador, em que bases assentaria o interesse de um refalsado autor de tão longo arrasado, que bem se concilia com a marcha dos acontecimentos daquela época, se não se verificasse e provasse a verdade flagrante que delas transparece.

MOSTEIRO DE BOURO — MOSTEIRO DAS MONTANHAS

a transcendência deste facto, entendo que deve publicar-se tudo até onde conseguiu chegar a investigação histórica para incentivo e muito caminho andado para quem quizer ir mais além, ao encontro de toda a verdade.

E continua Fernão Lopes «...assim a veio depois, como dizemos, que isto feito, tornou-se o mestre de Cristus para a vila e mandou seu recado aos comendadores da Ordem de Avis que viessem logo ali por haver de falar com ele cousas que eram do serviço de Deus e prol da sua ordem (...) os quais, por suas cartas e requerimentos, logo àquele lugar».

«(...) O comendador-mór e os outros disseram então que lhe tinham em grande mercê de lhe dar tão honrada Senhor por seu mestre: e logo o dito Dom João foi chamado e foram-lhe tirados os vestidos seculares e lançado o hábito da Ordem de Avis, e como lhe foi vestido, o comendador-mór e os outros lhe beijaram a mão por seu Mestre e senhor».

«E se alguns quiseram dizer que os poucos anos de sua idade e não legítima nascença embargava de não poder ser Mestre, a tais se responde que o Papa dispensou com ele, que posto que provido fosse antes do tempo e nado de não legítimo matrimónio, que seus bons costumes dele vinham à Ordem, corrigia tudo isto e, que o confirmava com ele».

Transcrevem-se estes passos de Fernão Lopes, que nenhum outro estilo poderia dar mais perfeita e clara ideia de como decorreram os primeiros anos da infância do Mestre de Avis, que própria linguagem, cheia de vida e animação do grande cronista.

Delas se mostra, continua o cronista Frei Manuel dos Santos, na sua parte da Monarquia Lusitana, como VIII, ser filha Dona Tereza Lourenço de Rui Fernandes de Almeida, Senhor de Roriz e Alvarelos e irmã de Fernandes de Almeida, a quem o bispo esvia e porque eu não vi as próprias cartas corroboro a verdade em que as tenho por algumas circunstâncias que as fazem verosímeis e verdadeiras.

Primeiramente é certo que houve em Tuy este Bispo D. João de Castro, era Português de uma família de Castros, que ainda se conservam em sua nobreza nas duas vilas de Melgaço e Monção, mas já misturados com Soares e Caldas, dos quais foram os dois célebres escritores, ambos juristas, Gabriel Pereira de Castro, e Caldas, que escreveu de *Manu Regia*, *Decisões* e outras obras, e Francisco Pereira Caldas, e Castro, que escreveu *De Jure emphiteutico*, e de outras matérias:

e consta que o Bispo em Tuy o dito D. João de (Castro) do ano de 1371, em diante; porque naquele ano aos 4 do mês de Setembro lhe deu El-Rei de

## EM CARRAZEDO

JOVENS DE AMARES CELEBRAM  
DIA MUNDIAL DA JUVENTUDE

Perto de uma centena de jovens oriundos das mais variadas paróquias do arcebispado de Amares reuniram-se no passado dia 26 de Março em Carrazedo para assinalar o Dia Mundial da Juventude e para celebrarem a sua Páscoa/Jovem.

Promovida pela Equipa Arciprestal da pastoral Juvenil de Amares, esta iniciativa surgiu na sequência de outras anteriormente realizadas e das quais se concluiu a importância de promover o encontro dos jovens do arciprestado não apenas em momentos de convívio como de reflexão.

Num primeiro momento do encontro os participantes neste encontro tiveram oportunidade de analisar situações concretas da juventude em geral e dos jovens do concelho em particular, confrontando-as com o que o Santo Padre transmitiu aos jovens por ocasião da celebração do Dia Mundial da Juventude, na mensagem baseada no encontro de Jesus Cristo com os Apóstolos no dia seguinte ao da Ressurreição.

Pela participação activa na celebração da Eucaristia, presidida pelo Assistente da Equipa Arciprestal, Padre Carlos, os jovens participantes tiveram oportunidade de se comprometerem com Jesus Cristo na missão de serem os obreiros da Nova Evangelização, principalmente entre os jovens da sua idade, em resposta ao apelo do Santo Padre.

Após a Eucaristia surgiu um momento de acolhimento feito pelo grupo de jovens anfitrião, de Carrazedo, como introdução à partilha do jantar em que o pouco de cada um se tornou suficiente para

todos, seguindo-se depois o convívio da alegria e de pequenas encenações alusivas à juventude e aos seus problemas e anseios.

Depois, o regresso a casa, porque a noite foi mais pequena (mudança da hora), mas uma grande noite porque se manterá na memória de todos como uma iniciativa a continuar, pois os seus frutos se fazem sentir.

**Festival Arquidiocesano  
da Canção Jovem Religiosa**

Fica para a história da pastoral Juvenil do Concelho de Amares a primeira participação no Festival Diocesano da Canção Jovem Religiosa, realizado em Braga na tarde do dia 27 de Março e que conta já a sua 3.<sup>a</sup> Edição, este ano dedicado ao tema «Família, um projecto».

Um sexto lugar arrecadado entre um conjunto de 14 canções demonstra as qualidades musicais dos jovens de Amares e incentiva a que no próximo ano mais grupos sigam o exemplo do de Santa Marta até mesmo na partilha da interpretação musical com membros de outras paróquias.

É sempre bom sabermos da união dos jovens e no testemunho que dão de fraternidade e entreajuda. Foi bonito também ver um bom número de jovens de Amares a apoiar a «sua» canção, com honras de menção num jornal nacional como claque barulhenta.

A juventude de Amares continua viva! — (C.)

PENEDA-GERÊS UNE  
PORTUGAL E GALIZA

A ministra do Ambiente, Teresa Patrício Gouveia, e o presidente da Junta Autónoma da Galiza, Fraga Iribarne, anunciaram há dias a criação de um grupo técnico de trabalho luso-espanhol para as questões do Parque da Peneda-Gerês. A revelação foi feita no Lindoso, Ponte da Barca, no decorrer de uma visita que os dois governantes realizaram aos lados espanhol e português da Serra do Gerês.

Teresa Gouveia disse que o grupo «tem por finalidade tratar o ordenamento da albufeira da Barragem do Lindoso e a criação de estruturas para combate a fogos florestais».

Os governantes portugueses e galegos sustentaram ainda a necessidade de apoiar as actividades da população residente na área do parque, nomeadamente ao nível da pastorícia, agricultura e reflorestação.

De acordo com a ministra portuguesa, está em estudo, em conjunto com o Ministério de Comércio e Turismo, a implantação de alguns projectos turísticos, concretamente a recuperação de uma aldeia em cada um dos cinco concelhos da área portuguesa do Parque da Peneda-Gerês.

Para além do Castelo e da Barragem de Lindoso, Fraga Iribarne e Teresa Patrício Gouveia visitaram do lado espanhol o Parque do Xures, Mirador de Pedreno, Emtrimo, Lovios e Portela d'Home, enquanto do lado português passaram por Nevio e Soajo.

Castela D. Henrique II a vila de Entença em satisfação de grandes perdas, que recebeu a sua Sé de Soeiro Annes de Parada nas guerras acima escritas do nosso Rei D. Fernando: também consta que ainda era Bispo em Tuy no ano de 1397, porque neste, a 18 de Agosto, lhe confirmou El-Rei D. João I de Castela a mercê referida de vila de Entença: assim Sandoval na história dos Bispos de Tuy: consta mais na Torre do Tombo (Livro da Chancelaria de El-Rei D. Fernando, 2, fls. 78) ser ainda Bispo de Tuy no ano de 1381, porque neste apresentou El-rei D. Fernando a Fr. Lourenço Martins no seu mosteiro de Santa Maria de Miranda, e o confirmou o Bispo D. João de Castro, por ser o dito Mosteiro situado na sua diocese. Era de César 1419, ao depois deste ano renunciou o Bispado, mas não se sabe com certeza em que tempo, nem quando morreu, nem o diz Sandoval. Não faça dúvida que sendo Português este Bispo, o fosse em Galiza, e tanto parcial del Rei de Castela; portanto ainda neste tempo corrente os Bispos, em Hespanha eram por eleição das Catedrais vacantes, e não apresentados pelos Príncipes, como vemos hoje; e daqui nascia serem Bispos, sem diferença, Castelhanos em Portugal e Portugueses em Castela; dos quais apontam muitos escritores: bastem para exemplo: neste mesmo ano em que imos, era Arcebispo de Toledo D. Pedro Tenorio Portugues; e poucos anos adiante o foi de Coimbra e de Braga D. João Garcia Manrique Castelhana; no tempo de El-Rei D. Dinis foram Bispos, em Tuy D. João Fernandes Sotomayor, e em Palencia D. Giraldo ambos portugueses; de Lisboa foi mandado para Bispo de Cuenca D. Estevão, e do Porto para Jaen D. Fernando Ramíres também Portugueses; D. Simão de Sousa, natural de Coimbra foi Bispo de Tuy e de Badajoz, e assim outro; nas dioceses passava-se o mesmo, porque a de Tuy entrava pelas Terras de Portugal muito, e a de Braga estendia-se não pouco por dentro de Galiza: a de Badajoz metia-se por Alentejo dentro, e a de Évora por Castela; ou Extramadura Castelhana; e permaneceram estas misturas até ao tempo em que governou a este Reyno o infante D. Pedro na menoridade de seu sobrinho El-Rei D. Afonso V. Os dois lugares de Roriz e Alvarelos ambos se acham ainda hoje na Província de Entre Douro e Minho, porque o primeiro é no termo da villa de Prado huma legua de Braga, lugar de 130 vizinhos com sua freguesia de invocação de S. Miguel; tem cura, que apresentam os Religiosos de Vilar de Frades; e o segundo é na terra de Maia, território do Porto, Santa Maria de Alvarelos, por onde bem podia ser senhor dos ditos lugares Álvaro Fernandes de Almeida (Mesa Censoria, Tombo, Genealogias, maço 1 n.º 328), ou seus avós, sendo fidalgo Interammenses.

A família do Almeidas, segundo consta das nossas histórias, nasceu e se propagou na Província do Minho, seminário das mais ilustres deste Reino; veja-se o Doutor Fr. Bernardo de Brito na Crónica de Cister, Livro 5-cap. 6, aonde tem que Pedro Fernandes de Almeida, Governador da Rainha póstuma Dona Inez Pires de Castro, foi do Minho a seus ascendentes da mesma Província, da qual também foi Fernando Alvares de Almeida, Cavaleiro da Ordem de Avis, (Mesa Censoria, Tombo, Genealogias, maço 1, n.º 328), Veador da Casa de El-Rei D. João I e Aio dos Infantes seus filhos, mas antes a grande e especial estimação, e confiança, que fez o dito Rei deste Almeida, em tempos tão perigosos, os quais foram os seus primeiros anos, quando se declarou contra El-Rei de Castela me faz ter por certo este parentesco, como entendo, claro está que era pela mãe de El-Rei.

Antes de ser rei o dito Senhor, e sendo ainda Mestre da Ordem de Avis, era Fernando de Almeida Governador da sua Casa, ao depois conservou-o no mesmo officio, e os negócios mais importantes da sua conservação e introdução na Coroa os tratava, comunicava e confiava deste Almeida, como a História dirá a seu tempo: Sobretudo o grande perigo em que foi posto o Mestre de o matarem no primeiro cerco de Torres Vedras, não havendo da tal conjuração indício algum, nem a entendendo o mesmo Almeida, lha pessagiu o coração e sem ele próprio saber o que fazia, livrou do perigo ao Mestre, seu Senhor: adiante o veremos: era Cavaleiro solemente professo o Fernando Alvares, e como tal não podia ser herdado em bens de raiz, porém dentro da Ordem o encheu de mercês o Mestre, e ao depois de Rei o nomeou no Priorado do Crato; e descansou nele a criação e todos os seus filhos, e aos do mesmo Fernando Alvares, que teve ilegítimos, dotou e casou da sua mão, ao maior com filha do Doutor Gil Docem, seu chanceler-mór o qual foi Cavaleiro da Casa del Rei D. Duarte, e seu Resposteiro-mór, e todas estas circunstâncias, com outras mais que ainda direi, parece-me que bem levam o discurso a ter por verdadeiras as cartas acima (do bispo de Tuy), e a que eram parentes o Infante Mestre e este Almeida, e que o seriam por via dos outros pai e irmãos da D. Tereza.

E quanto a El-Rei de Castela não deve parecer inverosímil que se valesse do Bispo de Tuy para seduzir a si ao Mestre de Avis; porque além de que ele usou a esse fim de todos os meios lícitos e ilícitos até empreender matar o Mestre por via de traição, em outros tempos mais escrupulosos para a soberania dos Príncipes, digo em tempo mais moderno, se valeu de outro terceiro semelhante intento, El-Rei D. Felipe III de Castela, na ocasião em que se declarou opositor à herança desta Coroa, porque mandou insinuar ao venerável Fr. Luís de

# DESPORTO

## Nacional da I Divisão

### RESULTADOS

Farense - Famalicão .....	5-0
Marítimo - Sporting de Braga .....	4-0
Benfica - Paços de Ferreira .....	2-1
Beira Mar - Salgueiros .....	2-1
Estoril - Vitória de Setúbal .....	0-2
F.C. Porto - Belenenses .....	1-0
Boavista - Estrela da Amadora .....	1-1
Vitória de Guimarães - Sporting .....	1-4
Gil Vicente - União da Madeira .....	0-0

### CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Benfica .....	25	18	6	1	58-19	42
Sporting .....	25	18	4	3	50-15	40
F.C. Porto .....	25	15	7	3	46-15	37
Boavista .....	25	13	3	9	36-24	29
Marítimo .....	25	10	8	7	34-28	28
Vit. de Guimarães .....	25	10	7	8	23-20	27
Salgueiros .....	25	11	2	12	36-36	24
Farense .....	25	10	4	11	33-38	24
Gil Vicente .....	25	8	8	9	23-38	24
Estrela da Amadora .....	25	7	9	9	26-26	23
Belenenses .....	25	9	4	12	27-39	22
União da Madeira .....	25	7	7	11	26-34	21
Beira Mar .....	25	7	7	11	21-25	21
Vitória de Setúbal .....	25	8	4	13	39-36	20
Paços de Ferreira .....	25	5	9	11	22-33	19
Sporting de Braga .....	25	6	7	12	20-31	19
Famalicão .....	25	6	5	14	19-56	17
Estoril .....	25	3	7	15	14-40	13

### PRÓXIMA JORNADA (10 ABRIL)

Sporting de Braga - Famalicão  
Paços de Ferreira - Marítimo  
Salgueiros - Benfica  
Vitória de Setúbal - Beira Mar  
Belenenses - Estoril  
Estrela da Amadora - F.C. Porto  
Sporting - Boavista  
União da Madeira - Vitória de Guimarães  
Gil Vicente - Farense

### MELHORES MARCADORES

**16 golos:** Yekini (Vitória de Setúbal) e Kostadinov (F.C.Porto).  
**13 golos:** Drulovic (F.C. Porto, 6 e Gil Vicente, 6).  
**12 golos:** Balakov (Sporting).  
**11 golos:** Fernando (Estrela da Amadora), Hassan (Farense), Ziad (Vitória de Guimarães), Jorge Andrade (Marítimo).  
**10 golos:** Ailton (Benfica), Isafas (Benfica).  
**9 golos:** Marlon (Boavista), João Pinto (Benfica).  
**7 golos:** Gonçalves (Belenenses), Karoglan (Sporting de Braga), Heitor (Marítimo), Jorge Cadete (Sporting).  
**6 golos:** Rui Águas (Benfica), Vítor Paneira (Benfica), Ricardo (Estrela da Amadora), Rudi (Paços de Ferreira), Sá Pinto (Salgueiros), Chiquinho Conde (Vit. Setúbal).  
**5 golos:** Nelo (Boavista), Domingos (F.C. Porto), Mangonga (Gil Vicente), Rui Alberto (Salgueiros), Capucho (Sporting), Iordanov (Sporting).

## II Divisão B (Zona Norte)

### RESULTADOS

Varzim - Infesta .....	3-0
Lixa - Maia .....	2-1
Marco - Lourosa .....	3-0
Vila Real - Moreirense .....	0-2
Paredes - Ermesinde .....	0-0
Sandinenses - Ronfe .....	0-0
União de Lamas - Vizela .....	1-0
Fafe - Esposende .....	0-0
Amarens - Lousada .....	1-1

### CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
União de Lamas .....	24	16	4	4	44-21	36
Moreirense .....	23	14	4	5	48-27	32
Lixa .....	24	12	7	5	28-28	31
Maia .....	24	12	6	6	35-23	30
Fafe .....	24	12	6	6	40-24	30
Lourosa .....	24	10	8	6	42-29	28
Varzim .....	24	11	5	8	34-33	27
Marco .....	23	9	7	7	28-17	25
Esposende .....	24	8	7	9	24-23	23
Ronfe .....	24	5	13	6	20-27	23
Vizela .....	24	7	8	9	32-30	22
Infesta .....	24	8	6	10	43-45	22
Lousada .....	24	7	8	9	33-43	22
Vila Real .....	24	6	7	11	21-23	19
Sandinenses .....	24	5	8	11	18-31	18
Paredes .....	24	3	9	12	17-29	15
Amarens .....	24	5	5	14	19-42	15
Ermesinde .....	24	1	10	13	18-49	12

### PRÓXIMA JORNADA (10 Março)

Lousada - Varzim; Infesta - Lixa; Maia - Marco; Lourosa - Vila Real; Moreirense - Paredes; Ermesinde - Sandinenses; Juventude de Ronfe - União de Lamas; Vizela - Fafe; Esposende - Amarens.

## Distrital II Divisão — Série C

Briteiros, 0 - Pica, 0; Figueiredo, 0 - Campelos, 2; São Nicolau, 0 - Cepanense, 1; Selho, 0 - Gonça, 2; Antime, 2 - Vasco Gama, 2; Arões - Mosteiro; Rossas, 0 - Santo Estêvão, 1; Fermilense, 2 - Terras Bouro, 1.

### CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Briteiros .....	23	15	6	2	56-22	36
Campelos .....	23	13	5	5	44-25	31
Cepanense .....	23	11	7	5	33-21	29
Arões .....	22	9	10	3	30-14	28
Santo Estêvão .....	22	12	4	6	49-30	28
Gonça .....	23	7	12	4	31-28	26
Selho .....	23	8	7	8	30-29	23
Antime .....	23	8	7	8	30-25	23
Mosteiro .....	22	8	6	8	22-26	22
Pica .....	23	5	9	9	21-29	21
Vasco Gama .....	22	8	5	9	29-28	21
Outeiro .....	22	6	8	8	24-32	20
Rossas .....	22	7	6	9	21-31	20
Terras Bouro .....	23	6	6	11	23-25	18
Fermilense .....	22	6	5	11	16-29	17
São Nicolau .....	23	4	3	16	26-65	11
Figueiredo .....	23	2	6	15	26-52	10

### Próxima Jornada (10 de Abril)

Terras Bouro - Briteiros; Pica - Figueiredo; Campelos - São Nicolau; Cepanense - Selho; Outeiro - Antime; Vasco Gama - Arões; Mosteiro - Rossas; Santo Estêvão - Fermilense.

## Distrital III Divisão — Série B

Santa Tecla, 1 - Lanhas, 1; Peões, 2 - Cabanelas, 3; Pedralva, 0 - Este, 0; CD Amarens, 0 - Lage, 2; Arcos, 1 - Leões, 0; Caldelas, 3 - Sobreposta, 1; Arsenal, 2 - Enguardas, 0.

### CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Este .....	20	13	7	0	56-12	33
Arsenal .....	21	13	4	4	47-22	30
Cabanelas .....	21	13	3	5	43-26	29
Lanhas .....	21	10	7	4	36-23	27
Enguardas .....	20	10	4	6	37-26	26
Pedralva .....	19	8	8	3	28-27	24
Arcos .....	20	10	3	7	26-27	23
Lage .....	20	8	5	7	38-31	21
Caldelas .....	21	7	7	7	26-23	21
Patrimonse .....	19	8	4	7	26-18	20
Leões FC .....	20	7	4	9	28-29	18
Santa Tecla .....	19	6	5	8	31-29	17
Peões .....	20	5	5	10	26-34	15
CD Amarens .....	20	4	2	14	16-35	10
Sobreposta .....	19	2	3	14	16-47	7
Águias FC .....	19	1	1	17	10-79	3
Trandearas .....	1	0	0	1	0-2	0

### Próxima Jornada (10 de Abril)

Lanhas - Patrimonse; Cabanelas - Santa Tecla; Este - Peões; Lage - Pedralva; Leões - CD Amarens; Sobreposta - Arcos; Águias FC - Caldelas.

## Distrital III Divisão — Série C

Estrelas Vermelhas, 3 - Armil, 2; Paços, 1 - Silvares, 0; União Moreirense, 1 - Gerês, 1; Guilhofrei, 1 - São Paio, 1; Ventosa, 7 - São Lourenço, 0; Cavez, 2 - Estorãos, 0; Regadas, 3 - Travassós, 2; Santa Cristina, 2 - Gandarela, 1.

### CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
S. Paio Vizela .....	22	16	4	2	52-17	36
Guilhofrei .....	22	13	5	4	44-16	31
Regadas .....	22	12	6	4	36-17	30
Est. Vermelhas .....	21	14	2	5	53-27	30
Gandarela .....	21	12	4	5	34-18	28
Águias Alvite .....	21	10	4	7	44-20	24
Travassós .....	21	10	4	7	37-28	24
St.ª Cristina .....	22	10	3	9	41-44	23
Silvares .....	22	8	5	9	24-33	21
U. Moreirense .....	22	7	5	10	32-35	19
Armil .....	22	6	6	10	32-37	18
Gerês .....	22	5	6	11	25-38	16
Ventosa .....	22	7	2	13	30-36	16
Paços .....	21	6	4	11	24-41	16
Cavez .....	22	5	5	12	23-41	15
Estorãos .....	21	4	6	11	26-48	14
São Lourenço .....	22	3	1	18	10-71	7

### Próxima Jornada (10 de Abril)

Armil - Águias Alvite; Silvares - Estrelas Vermelhas; Gerês - Paços; São Paio - União Moreirense; São Lourenço - Guilhofrei; Estorãos - Ventosa; Travassós - Cavez; Gandarela - Regadas.

Assine e divulgue «A VOZ DA ABADIA»



FUNERÁRIA SANTA MARIA



Agência funerária

Com Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais.  
Funerais e Transladações para todo o País.  
Coroas e Palmas em flores naturais.  
Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria) 4720 AMARES

# PADARIA UNIVERSAL

de António José Fernandes

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO E PRODUTOS AFINS

Fabrico e venda de pão especial aos domingos para tornar o seu almoço mais apetitoso. O pão é o melhor e mais barato dos alimentos. Prefira o da **PADARIA UNIVERSAL**

TELEFONES 371125 e 371346 — SANTA MARIA DE BOURO — AMARES

A charola que vinha de Braga parava decididamente na vila de Cabeceiras e nem mais um metro adiante. Ora, como sabem, da vila até à Ponte de Cavez, a distância, era como que um comprido dum deserto, e sobretudo de noite.

O Carolino, que era lavrador de algumas poses, alugou um «táxi», palavra demasiado bonita para um carroço, movido a gasolina ou a petróleo, conforme calhava, ou quando havia escassez do precioso combustível ou a bomba manual estava avariada. E o carroço, a desfazer-se, na velha estrada real de macadame, cheia de buracos, estacou na Ponte, com o motorista a dizer em alívio:

— Cá chegamos, amigo. Boa noite. O senhor agora a esta hora, ainda vai botar até Gondíães? Só de doido. Boa noite outra vez. Desejar-lhe boa noite, é favor, é brincadeira. Boa noite a um homem que ainda vai subir por essas serras arriba, Nossa Senhora!

— Se Deus quiser, como de costume, vou bater à porta do senhor Zézinho da Casinha, em Moimenta. Chego lá daqui a meia hora e picos.

— Meia hora? Por um quelho desses?

— Já conheço o caminho quase de cor.

— Então vá com Deus Nosso Senhor e que o Anjo da Guarda o ampare.

Havia algum luar, baço, o céu estava meio limpo.

O Marcolino troteou até ao pontilhão da ribeira de Moimenta, e, na subida que se lhe seguia, tropeçou em dois calhaus, bem se quis agarrar ao pau, mas estatelou-se no lajedo. Um pouco desmaiado, esmaecido, arribou-se, a custo, mas notou uma dorzita no tornozelo.

— Diabo de sorte a minha! — desabafou.

Infincou-se ao pau, que torceu, e foi subindo, quase e arrasto, o quelho íngreme a até Moimenta. As horas passavam e o homem não dava conta. Só pressentiu que ia andando devagar demais, quando entrou na quelhota das palheiras. «Nunca me senti tão derreado»; e, matutando, e voltando a matutar, a falar com os seus botões, chegou ao lugar de Moimenta e sentiu-se mais reconfortado. O silêncio, porém, era absoluto e a escuridão que vinha das casas e casalejos que ia reconhecendo deu-lhe, de novo, a primeira e vera sensação de insegurança.

Ao rabo do lugar, olhou a casa do senhor Zézinho da Casinha e aquela Casa tão acolhedora pareceu-lhe um cemitério. Nem fio de luzinha a dizer que alguém ainda cabeceava, no torpor do extinguir do borralho na lareira.

— Paciência! Não vou estrenoitar esta gente. Dormem já na paz de Deus. O sono para esta gente é sagrado. Daqui a pouco, todo este povo, ala, que se faz tarde para o canseroso trabalho, que os senhores governos não vêm fazer.

O Carolino sabia muitíssimo bem, e porque o sabia, que se ferrolhasse na aldraba do portão, os cães ladrariam, acordariam toda a casa, todos se levantariam de bom grado, já não recolheriam de novo à cama, antes de a patroa acender o lume e chegar às brasas um pote ou um tacho para cozinhar um petisco e só depois o conduzirem com um lampião ao «quarto dos hóspedes».

— Enfim, a noite estragada, para estes tão bons amigos... Não há que ver. Toca a continuar a subideira até Cunhas, depois se verá, se for já lá o amanhecer, senão, não há que pensar — a pensar morreu um burro e atrás dele muitos mais — arribo mesmo a Gondíães. Porca de vida. Se os senhores governantes, que nos comem as décimas e nos aplicam as coimas soubessem o que são estes caminhos do demo, tinham mais respeito por nós. Enfim, parece que foi sempre assim... Já no tempo dos reis da barba longa... Por que é que o meu pai não me fez doutor?... Este tornozelo ou melhorou por encantamento ou é de ir quente com a marcha.

Mas entre Moimenta e Cunhas é que foram elas!

Trazia no subconsciente, embora o quisesse abafar, o medo, o velho medo do lobo, que anda sempre à espreita — esse fantasma noctívago, que nos caminhos intransitáveis da vida quotidiana e das noites infundáveis, as boas gentes da montanha, traziam consigo, na bailarina do pensamento, como um companheiro indesejável a que não se pode mandar embora, enxotar quando se quer, e por isso perigoso.

Acabava de congeminar todas estas considerações, quando lhe aparece de cima de uma riban-

## CRÓNICAS SELVAGENS (32)

ceira, um senhor lobo, um lobão, daqueles velhos, com barbas, que nunca morrem e ficam para criar e apurar a geração. Seguiu, adiante, confiado que a fera tivesse resolvido ir à vida, estugou o passo o mais que pôde e as fracas forças lho permitiram, o cu no aperto, e quando se volta para trás, vê sua excelência o rei da montanha, muito astuto, à distância, como quem não quer a coisa.

Carolino, ao tempo que dava passadas largas, apalpou, desesperadamente, em todos os bolsos fundos do casacão, numa esperança, uma esperança que se diluiu. Não trazia, raio de cabeça chocha, com ele lumes. E ainda por cima, o lobo era um figurão! Má sorte.

Com as botas foi atirando e fazendo saltar algumas pedras, soltas para criar barulho, a ver se o lobo se julgava ameaçado de algum outro lado. Mas o lobo, sorrateiro, teimava segui-lo. Com o cuzinho no aperto, o Carolino principiou a entrar em transe. Estava, ainda, a meia légua de Cunhas. Podia berrar, ecoar pelas quebradas que vivalma o ouviria. O silêncio, em volta, e por cima, era sepulcral. O céu parecia uma abóbada que lhe caía na cabeça. Carolino apenas sentia os seus passos e a macieza das patas do animal feroz a avançar. Se lançasse um silvo era pior.

Ao passar no matagal do Rolo lembrou-se levemente de que ali apareciam lobisomens — era a voz corrente.

Mas Carolino, neste momento aziago, não se enfrentava com um lobisomem, os lobisomens dessa noite deviam andar a fantasmear lá muito ao longe, ou a beber, na sossega, o sangue dos animais inocentes, a chupar os cavalos no pescoço e a esvaziar o leite nas tetas das turinas. O Carolino topava, isso sim, atrás dele, com um lobo enorme, verdadeiro, de pêlo, carne e osso e fortes e afiadíssimos caninos.

Convinha-lhe manter a fera nas calmas e na convicção de que o homem que ali ia era presa fácil, a qualquer momento propício.

As estrelas, por cima, piscavam o último sono da noite serrana. Um vento, agudo, principiou de zunir nas carvalheiras, lá no fundo, e da própria fundura ouviam-se, difusos, os remoncos distantes do Beça.

Ah, santo Deus... Uma pequena oliveira, meia esgalhada, a um voo raso de perdiz da entrada do lugarejo de Cunhas, apareceu-lhe, diante dos olhos, como um oásis, quando a besta fera se preparava para o strafanar.

Com um arranco, fazendo das tripas coração, nas derradeiras forças que lhe restavam, correu até à árvore milagreira, com o lobo agora de fauces arreganhadas e a uivar no seu coice, Carolino agarrou-se desesperadamente ao tronco, alcançou uma perna mais firme e enganchou-se, de seguida, entre dois ramos, em forquilha.

O lobo, desvairado, rabunhava com as patas o tronco frágil e com a dentuça rasgava a casca da árvore enfermiça.

Carolino, sabido e entendido nestas artes da montanha, juntou ambas as mãos, em concha, esticou as goelas e afoitou:

— À coa! É lobo! É lobo!

Daí a um tudonada de tempo populares com lanternas acesas, acudiram, e um dos serranos de espingarda em punho aproximou-se levemente, e, enquanto o lobo se escapulia encosta abaixo, mandou-lhe dois tiros em meio da tênue claridade da alva da manhã, mas o lobaço desapareceu entre as moitas e os penedais.

Carolino foi recolhido em casa do seu amigo e compadre Zé das Berças.

Deitado, agasalhado, a tremelicar, a comadre ia-lhe chegando à boca o «chá dos sustos» — e teimava e teimava. O compadre mandou acender quantas candeias e velas havia na casa para o amigo saber que estava bem a salvo e junto de quem lhe queria do fundo da alma.

Carolino, depois de babujar uma espuma esbranquiçada, revirou os olhos, deu um soluço, e morreu de susto tardio ou de síncope cardíaca na acolhedora casa do seu amigo de Cunhas.

Um dos filhos do Carolino, que ainda sobra da prole, em nossos dias, no Porto, testemunhar e jurar com a mão em cima dos Evangelhos, essa

noite distante e fatídica do ano de Cristo de 1929, pois naquela mesma manhã, quando o sol já ia aquecendo os gados, os celeiros, a fazenda do monte e o labor de homens e mulheres, o corpo de seu pai foi levado de padiola para Gondíães, onde se realizaram aquelas lindas e demoradas cerimónias dos mortórios da montanha adusta e fidalga e se respeitaram os prolongados lutos daí advenientes e as inúmeras superstições místico-pagãs das terras do Planalto.

\* \* \*

(«Ainda me lembro do meu pai. Era um homem alto e bonito, com os olhos grandes e um bigode preto. Sempre que estava comigo, era beijar-me, a contar histórias, a fazer-me as vontades, talvez por ser o mais novinho. Tudo dele era para mim. O quarto de dormir de meu pai estava cheio de pessoas, algumas que eu não conhecia. Corri para lá e vi o meu pai estendido no chão e a minha mãe caída em cima dele como louca. Quis fazer o mesmo, quando me pegaram pelo braço com força. Chorei, fiz o possível para livrar-me, mas não me deixaram fazer nada e levaram-me para o fundo da casa. Na hora de dormir foi que senti de verdade a ausência de meu pai, embora a minha mãe me viesse acariciar. Eu amava-o porque o que eu queria fazer ele me consentia, e brincava comigo no chão como um menino da minha idade. De minha mãe eu fico a pintar o retrato desse rosto angélico, com as cores que tiro da imaginação, e vejo-a assim, ainda a tomar conta de mim, com todos os enlevos e cuidados. Na casa de meu avô, em Covas de Barroso, a minha primeira noite de sono foi curta. De manhã levaram-me para tomar leite ao pé da vaca. Era um leite de espuma, ainda morno da quentura materna. O meu avô andava vestido com um grande e grosso sobretudo de lã, falando com uns, dando ordens a outros. Uma névoa de fumaça cobria os montes que ficavam lá mais para os altos. Tudo aquilo para mim era uma delícia — o gado, o leite de espuma morna, o frio das seis horas da matina, a figura alta e solene de meu avô. Meu avô começou a atirar-me par o fundo da água do açudre, ensinando-me a nadar. E rindo-se: «agora você está baptizado». Ao almoço comíamos milho assado, pão centeeiro barrado com mel, castanhas cozidas e, à noite, caldo de leite. Diante da roda preguiçosa do moinho, que mal rodava, ficava alheio a pensar na infeliz e injusta morte de meu pai. Os patos espadnavam na água. Quando a minha amizade pela prima Margarida se fortalecia, um dia amanheceu com vômitos e febre, a escaldar na sua testa longilínea. Entrei no quarto onde ela estava. Os olhinhos azuis demoravam-se em mim, parecendo pedir-me alguma coisa. Era talvez para que eu ficasse com ela mais tempo. Mas tiraram-me do quarto. No outro dia, quando acordei, a minha prima tinha morrido. Lembra-me do seu caixão branquinho, cheio de boninas e lírios do monte, e da tia Maria a chorar o dia inteiro. O destino martelava-me. Dizia ao meu avô que queria ir para longe, para muito longe. E foi então que o meu avô me mandou para o Porto, afim de eu esquecer tanto drama. Durante muito tempo quando encontrava enterros de crianças, era pela minha prima Margarida que me chegavam lágrimas aos olhos. Depois deixei de chorar e nem nos momentos mais fundos e tristes da minha alma, não consigo chorar mais. Os olhos secaram-se-me. Depois que minha mãe se finou nunca mais voltei a Gondíães e a Covas e quando foi das partilhas dos nossos bens entreguei o assunto ao mais velho. Os meus filhos durante muito tempo assediaram-me para ir lá, que queriam conhecer a terra do avô e da avó e a oliveira onde ele esteve pousado. Não fui. Foram eles. Vieram encantados com aquelas paisagens alpestres, mas nada daquilo lhes disse nada. Já não tinham ali daquelas raízes fundas, telúricas que açambarcam uma alma. Como tantos e tantos outros por esse mundo em fora. Quando é que esta civilização vai matar de vez, como quem enforca um criminoso, as nossas montanhas sagradas, as montanhas dos séculos e séculos de uma história épica e ímpar no mundo?»)

Nota — Estas crónicas selvagens da montanha não devem ser lidas por beatos e beatas de sacristia ou por falsos puritanos.